

REITOR**Paulo Sergio de Paula Vargas****VICE-REITOR****Roney Pignaton da Silva****PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO****Cláudia Maria Mendes Gontijo****PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO****Valdemar Lacerda Jr.****PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO****Renato Rodrigues Neto****PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO****Teresa Cristina Janes Carneiro****PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL****Rogério Naques Faleiros****PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL****Josiana Binda****PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E CIDADANIA****Gustavo Henrique Araujo Forde****DIRETORA DO CENTRO DE ARTES****Larissa Zanin****CONSELHO CIENTÍFICO**

Alexandre Siqueira Freitas (UFES); Almerinda Lopes da Silva (UFES); Ana Cavalcanti (UFESM); Ângela Grando (UFES); Cecília Almeida Salles (PUC-SP); Cesar Floriano dos Santos (UFSC); Cláudia Maria França da Silva (UFES), Cláudia Matoos (universidade de Lisboa); David Ruiz Torres (Univ. Granada – UFES); Diana Ribas, (Univ Baia Blanca); Edson Reuter (UNICAMP); Elisa Ramalho Ortigão (FAPES); Erick Orlosk (UFES); Gisele Ribeiro (UFES); Isabel Maria Sabino Correia (Universidade de Lisboa); Isabela Frade (UERJ/UFES); João Wesley de Souza (UFES); Joedy Bamonte (UDESC); José Cirillo (UFES); Leandro Lesqueves Costalonga (UFES); Luís Jorge Gonçalves (Universidade de Lisboa); Luiz Sérgio da Cruz de Oliveira (UFF); Marcela Belo (UFES/UFMG); Marcos Martins (UFES) Maria de Fátima Couto (UNICAMP); Maria Luisa Távora (UFRJ); Pilar M. Soto Solier (Univ. de Granada); Raquel Garbelotti (UFES); Renata Cardoso (UFES); Ricardo Maurício Gonzaga (UFES); Rosana Paste (UFES); Sandra Correa (UFBA); Stela Maris Sanmartin (UFES); Tailze Melo (PUC-MG); Tatiana Rosa (MUCANE); Teresa Fernanda Gil (Univ. Granada); Waldir Barreto (UFES);

ORGANIZAÇÃO**José Cirillo; Marcela Belo; Ângela Grando****PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO****Thaís André Imbroisi****OBRA**

“THE TOUCH IN 2020” - Cláudia Matoos, Lisboa, Portugal. (Díptico 120 cm x 80 cm) Acrílico s/ tela.

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Setorial do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil

S471a Seminário Ibero Americano Sobre o Processo de Criação nas Artes (10. : 2020 : Vitória, ES)
Arte e tempos de pandemia : anais do X Seminário Ibero americano sobre o Processo de Criação nas Artes [recurso eletrônico] / José Cirillo, Marcela Belo, Ângela Grando, organizadores ; Thaís André Imbroisi, Ana Carolina Grasse Vieira, ilustradores. Dados eletrônicos 1. ed. Vitória : EDUFES, 2020.
p. 899 :

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-89300-00-7
Modo de acesso: <https://leena.ufes.br>

1. Criação na arte. 2. Arte moderna. 3. Ensino Arte. 4. Música. 5. História da Arte I. Cirillo, José, 1964 --. II. Belo, Marcela, 1982 --. III. Grando, 1950 --. IV. Título.

CDU: 7

Elaborado por Zilda F. de Oliveira CRB 6 ES 0065 0 /O

Notas dos editores:

- Os textos foram publicados na sua língua original, ficando sua revisão a cargo dos autores.
- A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.



806 Contextualização do Ensino de Jovens e Adultos no Brasil e no Município de Guarapari Espírito Santo: Ensino Remoto da Arte em um momento de distanciamento social

Tatiana Afonso Tavares Rigo, Stela Maris Sanmartin

814 Fechada em casa, e agora? Que estratégias a adotar no ensino prático em tempo de pandemia

Teresa Almeida

821 Rotina de artista-professora-estudante em um quarto-ateliê-sala de aula

Tharciana Goulart da Silva

GD#09 Processo de Criação e as relações étnico-raciais na Arte Contemporânea

828 O desejo negro em voga

Alvaro Leite Ferreira, Renata Gomes Cardoso

835 Insurgências nas Artes Contemporâneas: as escrevivências no assentamento do Raiz Forte Espaço de Criação

Charlene Sales Bicalho, Sonia Rodrigues da Penha, Tatiana Gomes Rosa

844 Etnografia e(m) pandemia: Projeto de pesquisa com vistas ao registro do congo do Espírito Santo como Patrimônio Nacional Imaterial

Elisa Ramalho Ortigão

853 Caderno de artista: escritas em deslocamento

Jéssica Elaine Moreira Sampaio, Diego Rayck

860 CORTA CAPIM – Corpos afro-brasileiros em movimento

Judivânia Maria Nune Rodrigues

868 Conexão entre saberes: o uso das artes no processo de enfrentamento às questões étnico-raciais

Luciana Cruz Carneiro, Karolline de Oliveira Lourenço, Aissa Afonso Guimarães

875 Monumento a Iemanjá: uma reflexão sobre as relações étnico-raciais na Arte Pública capixaba

Milena Kohler, José Cirillo

884 Preta Imagem: Breve Reflexão Sobre a Pele Negra Por Trás da Máscara Branca em Tempos de Pandemia

Oswaldo Carvalho

891 “Onde você ancora seus silêncios?” – uma análise dos processos de criação em Rosana Paulino e Charlene Bicalho

Renata Gomes Cardoso, Jaine Muniz Barcelos

Rotina de artista-professora-estudante em um quarto-ateliê-sala de aula

Artist-professor-student routine in a room-studio-classroom

THARCIANA GOULART DA SILVA

UDESC

Resumo: Um quadrado de 3x3m virou um quarto-ateliê-sala de aula na rotina de uma artista-professora-estudante. Prática artística, docente e vida pessoal se mesclaram e as configurações deste espaço foram recriadas durante a quarentena acarretada pela Covid-19. Na busca de trazer este entrelace para as pesquisas acadêmicas, de permitir o processo criativo adentrar o texto, este artigo abarca um formato de diário e abrange uma reflexão final percebendo o uso do diário em sua potência reflexiva.

Palavras-chave: Artista; Professora; Ateliê; Rotina; Diário.

A 3x3m square became a room-studio-classroom in the routine of an artist-professor-student. Artistic practice, teaching and personal life were mixed and the configurations of this space were recreated during the quarantine brought about by Covid-19. In the quest to bring this interlace to academic research, to allow the creative process to enter the text, this article covers a diary format and covers a final reflection realizing the use of the diary in its reflective potency.

Keywords: Artist; Teacher; Studio; Routine; Diary.

Introdução

A pandemia causada pelo risco de contágio com a Covid-19 desestabilizou a vida de todos, bem como a área da Educação. Enquanto professora, artista e estudante vi o espaço público invadir o privado devido a necessidade de aulas remotas. Esta nova forma de viver implicou em repensar os modos de desenvolver o processo criativo na docência e no fazer artístico. Tal situação transformou meu quarto, local até então destinado ao descanso, em um quarto-ateliê-sala de aula.

Este artigo foi construído em formato de diário, onde procuro descrever esta nova rotina adentrado nos meandros e problemáticas do ensino remoto. Trabalhar desta forma implicou em pensar as relações entre Arte, vida e Educação, bem como a buscar transbordamentos dessas vivências nos textos acadêmicos. Assim, este escrito busca ir além das margens, explorando frestas que permeiam narrativas pessoais as quais reverberam no tempo e no espaço da Arte e da Educação.

A rotina e seu espaço

Segunda-feira

Nas segundas pela manhã, o quarto se abre para o ateliê de pintura. Os encontros virtuais transformam todos os integrantes do grupo em poucos quadrados, o som por vezes falha, a internet por vezes cai. Aqui não tem pé direito alto, luz natural transbordante, paredes com trabalhos em processo e chão com marcas de tinta. Mas, ainda assim, é o tempo destinado a olhar para a prática, para o processo. Os estudos, leituras e construções de texto são todos realizados nesta mesa. Ora se abre espaço para os livros, ora para as tintas, ora para



FIGURA 1 Quarto-ateliê-sala de aula. Fotografia panorâmica. Arquivo da autora. 2020.

os papéis coloridos. Não é possível compartilhar as tintas com os colegas de ateliê, também não é possível pedir cola ou pincel emprestado. Adentrar a porta do quarto não é como adentrar a porta do ateliê de pintura. Muitos passos antes daquele local, já se sentia o cheiro de tinta óleo.

Em outras manhãs de segunda-feira, o quarto se torna sala de aula da Educação Básica (IFSC e Aplicação UFSC); onde observo meus alunos, estudantes da sétima fase de Licenciatura em Artes Visuais (UDESC), atuarem. Nesse momento sinto falta do burburinho, do som da escola, do cheiro da cantina, de olhar para uma sala de aula cheia e ver os olhinhos que brilham, de ver o nervosismo ou empolgação dos estagiários que atuam. Sinto falta, também, de observar os desenhos em carteiras, das imagens espalhadas pela escola, dos quadros de informações pelos corredores.

No período da tarde este quarto vira sala de aula da Universidade, se estivéssemos por lá, seria a sala 30 do DAV-CEART. É o momento da aula de Estágio IV, sempre muito cheia de trocas e afetividades. A minha mesa muda de lugar. Não considero possível ministrar

uma aula com a cama de fundo... Tudo se inverte, o quarto vira uma bagunça, mas o que resta é uma parede atrás de mim. A luz natural, que entra pela janela e ilumina meu rosto, ajuda na qualidade da imagem. Cuido com o horário. Penso que uma aula virtual com mais de uma hora e meia ou duas é absurdo demais. Realizo apresentações, indico artistas, vídeos; conversamos e debatemos. De algum modo, mesmo à distância, eu ainda consigo sentir aqueles estudantes por perto. Talvez isso se deva ao fato de já estarmos no terceiro semestre trabalhando juntos. Ah, com exceção um aluno, aquele parece nunca prestar atenção, e quando finalizo o encontro, ele nunca se despede e se retira como os outros estudantes. No final da aula só restam dois quadradinhos na tela, o meu e o dele. Desligo a chamada. Ele não vai embora nunca. É a tal da lebre morta do Beuys, um trabalho que minha orientadora comentou quando eu ainda estava na Graduação... É a tal da lebre morta... E sem um pinguinho de disfarce! O mais estranho é que isso pouco mudou do 'real' para o virtual.

No período da noite, abre-se espaço para as aulas de inglês. É um dos momentos que sou aluna. Já pensei em desistir muitas vezes. Neste momento, não me importo tanto com o fundo que aparece atrás de mim; aliás, o único momento que me importo mesmo é quando estou com meus alunos. E, no fim da noite, lá estou eu em frente à uma câmera, tentando pronunciar palavras em outra língua.

Entre tudo isso que acontece, o quarto é sempre escritório. O escritório acolhe os momentos de responder e-mails, colocar materiais no Drive, preencher o Siga, assinar os documentos no SGPe, ajustar o Moodle, ajudar colegas, ser ajudada, resolver coisas dos grupos que participo, etc. Também há espaço para ele (o quarto) tornar-se biblioteca. Quando sobra energia, dá para fugir e preparar um jantar.

Mas quando não sobra e é necessário resolver coisas outras, engulo algo rápido e volto para o quarto-ateliê-sala de aula.

Terça-feira

Pela manhã, uma xícara de chá de abacaxi, uma xícara de café e uma garrafa de água sobre a mesa. Assim é que transformo este espaço – principalmente a mesa – em local de estudos. É hora de planejar aulas, ler, estudar, pesquisar, escrever, montar apresentações e pensar em propostas. Neste momento retiro algumas coisas da mesa, coloco outras sobre ela, preciso de espaço; e só do essencial. Nessas manhãs o relógio parece correr mais rápido.

Às 13:30h, sou aluna novamente. Disciplina nova, olhos atentos e ouvidos abertos. Ligo a câmera e a cama está atrás de mim, me apresento, ouço os colegas se apresentarem e preciso sair. O mesmo horário da disciplina é, também, o momento de observações das atuações de estágio dos meus alunos. O quarto vira sala de aula da Educação Básica novamente. Três professores e uma única turma de 12 estudantes de Ensino Médio. Estes se comunicam ainda menos que meus estudantes da disciplina de Estágio, talvez isso se dê pelo fato de serem mais jovens.

Faço uma hora de observação da atuação do estagiário. Desenvolvo notas. No final, traço uma conversa com o estudante destacando os pontos do encontro. Acerto algo aqui e ali com a professora da escola. Finalizo a observação e volto à aula da Pós-Graduação. Saio de uma sala de aula para outra em segundos. Se fosse percorrer a distância real de uma instituição à outra, creio que o trajeto seria de cerca 30 minutos. E ainda poderia observar a paisagem. Nesse tempo, quando chego na aula da Pós, o barco já andou, perdi coisas.

É necessário encaixar na rotina um outro dia para assistir a gravação do encontro.

Geralmente uma manhã não é o suficiente para planejar uma aula de disciplina nova. Adentro o tempinho que resta da tarde. A noite outra disciplina, outro link, aplicativo, encontro, professora, colegas... Sou aluna novamente. Para finalizar o dia, mais uma olhada na apresentação montada para a disciplina de História e Teorias do Ensino da Arte.

Quarta-feira

A rotina tem início com uma disciplina do Doutorado. Ateliê, pintura, tintas, artistas, convidados, falas. Em uma dessas manhãs, fiz têmpera de ovo sentada nesta cadeira. Quebrei o ovo com cuidado, separei a clara da gema, deposei a gema sobre um papel toalha, furei ela muito cui-da-do-sa-men-te com um palito de dente, deixei escorrer em um pote e acrescentei o pigmento natural. Macerei, macerei, macerei, macerei e macerei mais um pouco. Quando virou pasta, estava feita a tinta. Pronto, e no decorrer de todo este processo, o quarto virou ateliê novamente; exalando um misto de cheiro de ovo com curry, quase como uma cozinha, não fosse a tinta ali à minha espera para um estudo.

Deu 13:00h, preciso virar a mesa, a cadeira é trocada de lugar, sou professora novamente. A disciplina é História e Teorias do Ensino da Arte, turma de primeira fase. Já reinício o *modem* minutos antes para evitar quaisquer problemas. Na aula, apenas cinquenta por cento dos estudantes se fazem presentes, desses, talvez quatro consigam se pronunciar quando questiono algo. Poucos leem os textos e aqui também há lebres mortas, das que ficam mesmo quando finalizo o encontro e me despeço de todos. Termina a aula e subo

a apresentação e gravação no Drive, confiro o Moodle, respondo alunos, informo por WhatsApp que já está tudo lá, mas é necessário ler, fazer, assistir, escrever. As coisas não se desenvolvem sozinhas, uma aula não se faz só com um professor, cada um tem seu papel.

Quinta-feira

Quinta pela manhã é momento de dor no estômago, dia de reunião de departamento. Se fosse na Universidade estaríamos todos em uma grande sala e ao redor de uma mesa, assinando folhas de presença, folha de ponto, trocando um sorriso ou outro e imersos na burocracia. Ao participar dessas reuniões, tornou-se, para mim, cada vez mais claro que a carreira de professor universitário é extremamente burocrática e regada a papéis institucionais que são necessários que sejam assumidos. Faz parte da responsabilidade social do professor. E, quando se é aluno, não se tem a mínima noção disso. Tem dias nestas reuniões que a falta de ética impressiona, tem dias que a competência ou a solidariedade. Estranho e humano é encontrar tudo isso na mesma pessoa. Saio eu com mais dor e preocupação do que entrei, parece que a qualquer momento despencarei da corda bamba.

A tarde é o momento de leituras de TCCs. Primeira vez orientando. Dois trabalhos totalmente distintos; duas formas de escrever; duas formas de pensar sobre estar em uma Licenciatura em Artes Visuais. Leio, crio notas, releio parágrafos, corto coisas, encho de interrogação aqui e de elogios ali.

O quarto volta a ser escritório, é hora das burocracias que, inevitavelmente, movem o ensino. Ele vira biblioteca também; local de estudos. Na hora de dormir, assisto vídeos de psicanálise. Ainda tenho o desejo de algum momento poder parar e estudar a fundo sobre o assunto.

Sexta-feira

Pela manhã, orientações de TCC, gostaria mesmo era de orientar em um jardim ou um café. De poder tomar um chá junto das orientandas. Os trabalhos aos poucos vão sendo construídos com apontamentos, críticas e sugestões. Às vezes, lembro que tenho um livro que gostaria de emprestar, mas não é possível. Escaneio o que dá e compartilho.

O momento mais esperado por este quarto (ou por mim) é quando ele vira clínica de análise. Coloco o computador do meu lado na cama, deito, coloco uma cobertinha sobre as pernas, deixo câmera e áudio ligados. No geral, falo freneticamente. É difícil faltar assunto ou não saber o que dizer. E, cada vez que ele (o analista) vai tecer um comentário, procuro estar o máximo atenta, pois sei da potência daquilo em me ajudar. Eu não tenho ideia de como seria o local que estaríamos em tempos de não pandemia, só conheço ele assim, virtualmente, dentro da tela do meu computador. Será que o consultório tem fotografias? Pinturas? Relógios? Livros? Fica em qual rua? Perto do quê? O estranho e maravilhoso é como tem surtido efeito mesmo que de longe. Durante as minhas falas, fico olhando para o teto, para as sombras projetadas nos armários, para as manchinhas que crescem na parede. Tem dias que saio leve e tem dias que saio pesada; muito pesada, anestesiada. Mexer nas dores e nos incômodos não é simples, mas penso que isso é essencial para um artista poder se conhecer. Anoto o que ele diz no final da sessão em algum lugar, colo na parede em frente a mesa ou envio mensagem em texto e áudio para mim mesma. Meu analista, o Alex, também é professor em uma Universidade Pública. Isso enriquece nossas trocas.

Se restar força emocional e corporal, é hora de ler. Também é hora de ajustar o calendário de postagens no Instagram para o perfil da Revista Apotheke que trabalho junto a outros colegas.

À noite é o momento de trabalhar nas lives organizadas pelo Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke do qual faço parte. A atenção se divide em escutar, criar anotações, e enviar as perguntas que surgem rápido nos comentários para o mediador. Neste momento, geralmente já não estou na minha casa, mas ainda assim em outro quarto, outra mesa. À noite é necessário um pouco de amor, sem amor não se sobrevive.

Sábado e domingo

No fim de semana, tento fazer tudo que não deu tempo nos dias da semana. Mas, tiro um momento para preparar uma comida boa, limpar o quarto-ateliê-sala de aula, lembrar que Yoga faz bem, colocar o corpo em movimento e fazer algum desenho ou pintura. Nas noites de sábado, eu espero mesmo é não estar no quarto. O bom é desfrutar de um jantar junto com o pessoal da casa, poder jogar um pouco de conversa fora e rir à toa.

Já prometi para mim que um dia terei domingos livres. Não vou desistir dessa ideia. Acho que isso tem a ver com saúde mental. Gosto de acordar cedo aos domingos, deitar na rede com algum livro de literatura e uma xícara de café; passar ali ao menos uns 40 minutos, mas, não tarda muito para cabeça se encher de obrigações novamente e a máquina de cobranças retornar a girar. Domingo, geralmente, é o dia de planejar as aulas de segunda-feira e colocar alguma leitura em dia. Volto para mesa. O jogo se reinicia, ele parece não ter fim.

Diário: espaço de reflexões

Arte, Vida e Educação nunca estiveram tão próximas. O quarto deixou de ser espaço somente de aconchego, a pandemia impôs o exercício de recriá-lo. Em meio as dificuldades impostas por esta

situação, percebo este local como uma potência em suas múltiplas faces do possível.

Ser professor artista não depende apenas de espaços, mas de gestos e ações. O que nos renova e impulsiona reside também nos estudos e experiências. Por isto, a rotina aqui descrita revelou um jogo que não tem fim: ao professor o estudo é necessariamente constante. Nada está pronto ou acabado, é preciso sempre se rever, rever o outro, visitar, recriar planos e enfrentar desafios.

Olhar para prática docente e artística neste viés da narrativa pessoal trouxe um adentramento aos processos cotidianos, às vivências e sua relação com o trabalho docente, bem como, possibilitou um distanciamento e avaliação deste novo modo de estar professora, artista e estudante. Tal processo reflexivo é decorrente do formato da escrita em diário, o qual permeia o ato de registro, o espaço de memória e dos guardados. Assim, compreendo que "(...) o diário de professor é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de 'distanciamento' reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. É, além disso, uma forma de aprender. (ZABALZA, 2004, p.10). Bem como, é um instrumento potente para o tempo e espaço de produção e reflexão, pois, permite "revisar elementos de seu mundo pessoal que frequentemente permanecem ocultos à sua própria percepção enquanto está envolvido nas ações cotidianas de trabalho" (ZABALZA, 2004, p. 17).

O trecho de diário neste artigo apresentado permitiu uma reflexão sobre os medos, receios, angústias e desejos. Procurei deste modo explorar as margens, percebendo que é possível, enquanto professora de Artes Visuais, criar diferentes espaços de transbordamentos

criativos, pois a escrita aqui, é também compreendida deste modo, como instrumento de trabalho e pesquisa.

Referências:

ZABALZA, Miguel A. Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.